1. A ARTE MURAL NAS CATACUMBAS CRISTÃS

Wilma Steagall De Tommaso
Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP
wilmatommaso@uol.com.br

SELEÇÃO DA RELIGIÃO

A religião em destaque, na qual a arte funerária das catacumbas romanas foi cientificamente estudada a partir de século XIX, é o cristianismo. Religião com origens judaicas cuja fé está centrada em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado.

Quando o movimento cristão chegou a Roma, capital do império Romano, trouxe consigo sua cultura e suas tradições.

Catacumba é uma palavra de origem grega que significa *próximo às cavidades*, caracterizando a natureza particular de terrenos adaptados para vastos cemitérios subterrâneos[1].

Os cemitérios propriamente cristãos apareceram somente ao final do século II e foram, em um primeiro momento, pequenas criptas subterrâneas que comportavam algumas dezenas de sepulturas.Essa nova forma de enterrar os mortos tocou também os pagãos, por várias razões práticas.

ALGUMAS INFORMAÇÕES DA CULTURA:

O movimento cristão entrou, há dois milênios, em um mundo onde havia muitas religiões, um universo diversificado em termos sociais e culturais. Eram muitas línguas, práticas religiosas, costumes diversos, uma infinidade de divergências culturais. Nasceu como seita também em um contexto no qual Israel estava inserido no mundo dominado militarmente pelos romanos, porém, cultural e religiosamente, dominado pelos gregos.

Esse povo diversificado, ao ouvir a mensagem dos apóstolos, não era uma página em branco, mas já trazia sua tradição e levava consigo suas ideias sobre a vida e a salvação quando aderiu à nova doutrina, o cristianismo.

Os cristãos primitivos assimilaram as práticas religiosas das culturas helenística e romana e com elas interagiram, porém, a maior herança veio da religião de Israel, cujo povo adorava ao Deus único e onde a interdição das imagens era ponto fora de discussão.

A perseguição ordenada pelo imperador Nero no ano 64 conduziu ao martírio uma grande quantidade de cristãos. Os cristãos eram qualificados como ateus – negavam-se a prestar culto ao imperador –, perigosos para a unidade do império e inimigos do gênero humano; a eles se atribuíam as piores atrocidades: infanticídios, antropofagia e desordens morais de todo o tipo.

Com o Edito de Milão, promulgado pelos imperadores Constantino e Licínio em fevereiro de 313, os cristãos não foram mais perseguidos,alcançou-se a paz, podiam professar livremente a fé.

É certo que estas perseguições não tiveram sempre a mesma intensidade e que, excetuando alguns períodos concretos, os cristãos seguiam suas vidas com normalidade; mas o risco de serem martirizados estava sempre presente.

---

[1]Durante os dois primeiros séculos da nossa era, os cristãos eram enterrados de maneira anônima no interior das necrópoles pagãs fora dos muros de Roma, como foi o caso, por exemplo, dos apóstolos Pedro e de Paulo.

O martírio era considerado entre os fiéis um privilégio e uma graça de Deus: uma possibilidade de se identificar plenamente com Cristo no momento da morte. As relíquias dos mártires eram recolhidas e sepultadas com devoção e, a partir desse momento, recorria-se a eles como intercessores.

Desde sempre a lei romana estabelecia que as necrópoles – cidades dos mortos, em grego – deviam se situar fora das muralhas da cidade. Os romanos costumavam incinerar os corpos dos defuntos, mas também havia famílias que tinham o costume de enterrar os entes queridos em campos da sua propriedade, costume que se foi impondo posteriormente por influência do cristianismo.

Com a passagem do rito de incineração para o enterro, aproximadamente no curso do século II, e enquanto os caminhos das vias consulares fora dos muros da cidade apresentavam um número limitado de espaços disponíveis, as necessidades da comunidade urbana de novos lugares para o sepultamento aumentaram consideravelmente. Nos mausoléus, onde isso era ainda possível, constatou-se que um sepultamento ocupava o lugar que corresponderia antes a muitas urnas de corpos incinerados (PERGOLA, 2000, p.449).

A princípio não havia segregação, e enterravam-se juntos os fiéis e os pagãos. A partir do século II, graças aos donativos de alguns cristãos de boa posição social, a Igreja começou a ter as suas necrópoles próprias, a que chamou cemitérios –*coimeteria,* do grego *koimáo*, dormir –, lugares onde os corpos repousam na espera da ressurreição. Assim foram surgindo as catacumbas cristãs, que não eram – como às vezes se pensa – esconderijos ou lugares de reunião para as celebrações litúrgicas, mas lugares de sepultura onde se guardavam os restos mortais dos irmãos na fé.

Originariamente, o termo catacumba fazia referência à zona da via Ápia que se situa entre o túmulo de Cecília Metella e a cidade de Roma. Com o tempo, passou de toponímico para designar em geral o cemitério cristão sob a terra. Nos primeiros séculos foram enterrados nelas muitos mártires e, junto com os túmulos de São Pedro e de São Paulo, as catacumbas passaram a ser lugares de memória e de veneração muito queridos para os cristãos de Roma. Movidos pela devoção, era normal que os fiéis quisessem ser sepultados e esperar a ressurreição na companhia dos outros membros da comunidade cristã e, se fosse possível, próximo de algum apóstolo ou de algum mártir.

Em todo o mundo cristão antigo desenvolveu-se o costume de criar cemitérios para que se pudesse oferecer a todos os cristãos, ao menos uma sepultura digna. Entre as obrigações sociais da comunidade estava a de providenciar o sepultamento dos pobres que não tinham como arcar com nenhuma despesa.

Segundo Claudio Pastro, “era costume entre os pagãos o uso de cremar os cadáveres; os judeus usavam sepulturas, e os cristãos seguiram esse costume” (PASTRO, 2010, p.146). Eles abriam, nos campos mais afastados de Roma, longas vias que chegavam a ter cinco andares de galerias sobrepostas e eram muito vastas. De acordo com Marina Copsidas, “contrário à ideia comumente conhecida, as catacumbas não eram lugares de reuniões secretas dos primeiros cristãos, mas necrópoles perfeitamente conhecidas pelas autoridades, onde nos primeiros tempos eram enterrados pagãos, depois os cristãos” (COPSIDAS, 2009, p.60).

INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS:

O cristianismo nasceu no Oriente, na região da Palestina, porém é no Ocidente do Império Romano– onde foi aceito após três séculos de existência – que acontece seu maior desenvolvimento. Roma é o centro da vida cultural e atrai todos os movimentos espirituais que se desenvolviam no século I.Surgia, assim, a Igreja cristã no auge do Império romano em um mundo cosmopolita e uma miríade de pessoas da Europa, África do Norte e Oriente Médio.



Fig.1:Mapa do Império Romano

No entanto, catacumbas foram encontradas não só em Roma, mas também em Chiusi, Bolsena, Nápoles, na Sicília Oriental e no Norte da África. Em Roma existem mais de sessenta catacumbas, com galerias subterrâneas parecendo verdadeiros labirintos e podem atingir no conjunto muitos quilômetros.

Também existiam em Roma naquela época cemitérios ao aberto, mas os cristãos, a exemplo do Cristo, preferiam a inumação dos corpos, o que criou um problema de espaço que influiu fortemente no desenvolvimento das catacumbas.

Em conformidade com a lei romana que proibia a sepultura dos defuntos no recinto interno às muralhas da cidade, todas as catacumbas estão situadas ao longo das grandes estradas consulares e, geralmente, na imediata área suburbana daquele tempo.

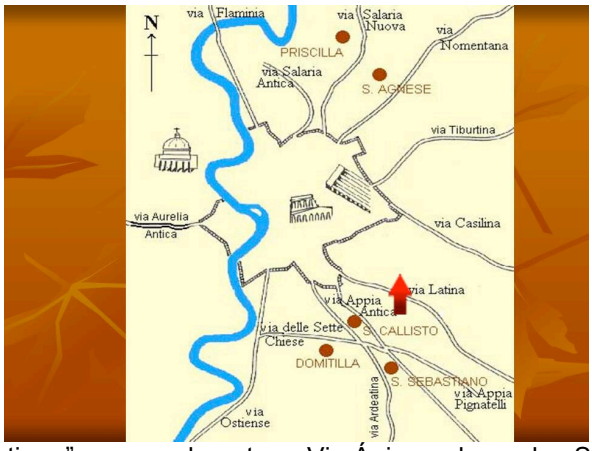

Fig.2 “Complexo Calistiano”, encerrado entre a Via Ápia e o beco das Sette Chiese uma área vasta com mais de 30 hectares de terreno dos quais uns quinze são catacumbas.

Percorrendo a Via Ápia *(Via Appia Antica)* encontram-se, a menos de um quilômetro da Porta de São Sebastião, a pequena igreja do *Quo Vadis?*, em seguida as catacumbas de Pretestato e de São Sebastião e, mais além, o mausoléu de Cecília Metella. Ao centro dessa área arqueológica, encerrado entre as vias Ápia, Ardeatina e o beco das Sette Chiese estende-se o "Complexo Calistiano", uma vasta área de mais ou menos "30 hectares" de terreno, dos quais uns quinze são catacumbas.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO PERTINENTES À COMPREENSÃO DA ARTE FUNERARIA:

A princípio o cristianismo era apenas mais uma religião oriental que chega a Roma. No entanto, apresentava uma originalidade fundamental que chamava a atenção dos mestres de escolas filosóficas.[2] Outro fato facilitador foi a língua dessa comunidade ser o grego, a mesma dos filósofos.

A arte religiosa não tinha muita importância na Igreja primitiva. Era constituída de pequenas comunidades de fiéis, na sua maioria pobres que não possuíam recursos para grandes edifícios e muito menos podiam pagar os artistas, que eram bem remunerados pelos pagãos. Esses artistas, de qualquer maneira, precisariam romper com o mundo pagão para se engajar no movimento cristão, o que significaria a perda de seu meio de subsistência. A concepção de imagem pagã e sua função eram muito diferentes do espírito do cristianismo para ser a expressão da fé. Isso é o que normalmente é descrito em se tratando do cristianismo primitivo, anterior a Constantino. O historiador André Grabar questiona: “em que meio social acontecia a arte que estudamos? Que podemos saber dos artistas e daqueles que encomendavam as obras de arte?”[3] Segundo o autor, em Roma as comunidades cristãs contavam com protetores e, sobretudo, protetoras entre os cidadãos, opulentos e poderosos.

Para a comunidade cristã a sepultura para os pobres e a filantropia com os estrangeiros eram características que os destacavam dos demais. Ambas conjugavam-se com frequência, pois muitas vezes estrangeiros, sem parentes, distantes da família e de seus países, não tinham ninguém que se encarregasse de seus funerais.

O desenvolvimento da arte propriamente cristã, durante os primeiros séculos do cristianismo, aconteceu de maneira muito lenta. As paredes das catacumbas foram marcadas por grafites, esboços, signos e símbolos pelos iniciados. Muitos símbolos pagãos ganharam uma nova significação. O jardim, a palmeira e o pavão designam o paraíso terrestre; o navio, símbolo da prosperidade e de uma feliz travessia, torna-se a Igreja; e assim como o tema erótico de Eros e Psique passa a significar a sede da alma e o amor de Deus em Jesus Cristo, Hermes, símbolo da humanidade, representa o Bom Pastor. Há também muitas cenas do Antigo Testamento: Daniel no fosso dos leões, os três jovens na fornalha, Adão e Eva. Só no fim do século II apareceram os símbolos propriamente cristãos: a multiplicação dos pães – que expressa o banquete eucarístico; a adoração dos reis Magos – a entrada dos pagãos na Aliança; a ressurreição de Lázaro; e, enfim, símbolos compreensíveis apenas

[2] No judaísmo como no cristianismo o papel dado à importância das leituras bíblicas, ou seja, da Escrituras judaicas que os cristãos liam à luz do acontecimento Jesus Cristo e que até o século I eram seus livros sagrados, dava uma dimensão intelectual que poderia ser modesta, mas ao mesmo tempo sustentava uma verdadeira elaboração teológica.

[3] André GRABAR, *Le premier art chrétien*,p. 9-10.

por poucos, como a vinha e, sobretudo, o peixe, *ichthus*, que se refere ao Cristo – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. Esses signos são encontrados, sem mudança de estilo e de tema, na Espanha, na Ásia Menor, da África até o Reno. As pinturas são sumárias: alguns traços em uma estrita gama de cores. Não são imagens cultuais. A Igreja não impõe um programa. Elas são lembranças dos momentos do Cristo ou da Virgem, são seus retratos.[4] Como diz Evdokimov:

> Encontra-se nas catacumbas uma arte puramente significativa. Seu fim é didático: proclama a salvação e traça seus instrumentos por meio de signos decifráveis. Podem ser classificados em três grupos: 1) tudo o que se refere a água: a arca de Noé, Jonas, o peixe, a âncora; 2) tudo o que se relaciona com o pão e o vinho: a multiplicação dos pães, o trigo, a vinha; 3) tudo o que diz respeito a salvação e dos que foram salvos: os três jovens na fornalha, Daniel entre os leões (fig. 15),o pássaro fênix, Lázaro ressuscitado (fig. 6),o Bom Pastor (fig. 5).[...] Observa-se maior negligência na forma artística e ausência de um desenvolvimento teológico. O Bom Pastor não representa o Cristo histórico, mas quer dizer: o Salvador salva realmente.[5]

Não são artistas os que participam dessa produção inicial de pinturas que ainda não pode ser considerada arte. Os artistas, com efeito, trabalham na elaboração de imagens do mundo pagão, diante das quais os mártires cristãos são condenados.

PRINCIPAL ARTEFATO EM ANÁLISE:

Na arte mais antiga das catacumbas tudo se refere à imortalidade da alma. Uma das figuras muito frequentes é aquela de uma jovem em pé com os dois braços abertos, antigo gesto que significava que ela estava em oração. Essa "orante" (fig.3), como era chamada, é a imagem da alma liberta do corpo e resplandecente da felicidade celeste.



Fig.3: Orante:. Catacumbas de Priscila, Cubículo de Velatio. Roma, Século III.

A exploração e o estudo cientifico das catacumbas tiveram início, no século XVI com Antônio Bosio (1575-1629), chamado o Colombo da Roma subterrânea.

No século XIX, a exploração sistemática das catacumbas, particularmente as de São Calisto,(foi realizada séculos depois por Giovanni

---

[4]Cf. Alain BESANÇON,*L'image interdite:*une histoire intellectuelle de l'iconoclasme, p.206-207.

[5] Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône*: théologie de la beauté,p.149.

Battista de Rossi (1822-1894), considerado o pai fundador da arqueologia cristã.

Em 1854, Rossi descobriu a cripta dos papas do século III, definida como “o pequeno Vaticano, o monumento central de todas as necrópoles cristãs” em 1854.

A Arqueologia cristã busca conhecer as manifestações plásticas da fé primitiva e assim contribuir a alcançar uma ideia, a mais precisa possível, sobre o modo de vida e das vicissitudes da história das comunidades cristãs em seus primeiros passos, a partir da época dos apóstolos.

A Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra foi instituída por Pio IX (1846-1878) "para guardar os cemitérios sacros antigos", assim como para a conservação, por sugestão de Giovanni Battista de Rossi, com vista a uma melhor organização dos achados no grande complexo de catacumbas da Via Ápia.

Os seus especialistas estabeleceram as bases científicas da arqueologia cristã, estudando e escavando as catacumbas romanas segundo um moderno método topográfico, que considera simultaneamente as fontes históricas e os monumentos.

Em 1925, a Comissão foi declarada Pontifícia por Pio XI. Os Acordos de Latrão (1929) ampliaram as suas competências e o seu âmbito de ação a todas as catacumbas existentes em território italiano.

A Comissão publica os resultados das suas investigações, estabelece as normas para o acesso do público e dos estudiosos aos cemitérios sacros e indica as criptas que podem ser utilizadas para a liturgia e os cuidados a ter aquando das celebrações[6].

Estudos comprovaram que a arte funerária paleocristã foi de inspiração popular e, pode-se dizer, leiga. Mesmo nos cemitérios cristãos patrocinados pela Igreja, não há certeza de que as autoridades eclesiásticas tivessem o controle da escolha dos temas das ornamentações como aconteceu tempos depois nas igrejas (Cf. Gérard-Henry BAUDRY. *Les symboles du christianisme ancien I-VII siécle*. p. 11-12).

As pinturas das catacumbas mostram uma unidade de estilo e de temas: foram encontrados os mesmos símbolos na Ásia Menor, na Espanha, na África do Norte e na Itália, sem que a Igreja tenha dado uma indicação de um programa oficial. A fé manteve-se única, graças ao contato entre as igrejas locais.

ABORDAGEM HERMENEUTICA-SEMIOTICISTA DO ARTEFATO:

Esta gravura ? é, também, muitas vezes, associada à outra imagem muito atraente que é a do jovem pastor com uma túnica curta, pernas à mostra, levando sobre os ombros uma ovelha. É o Cristo, ele mesmo, sob o aspecto do Bom Pastor da parábola, acolhendo a alma na campina celeste. Êmile Mâle afirma que:

> Para essas primeiras gerações de cristãos a felicidade do paraíso era um doce idílio e o paraíso, ele mesmo, tal como se vê pintado na catacumba São Calisto, um jardim onde floresciam rosas, murmuravam fontes, onde cantavam os pássaros.[...] A arte revela

[6]<www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-renova-interesse-pela-arqueologia-sacra/>, acessado em 15 de agosto de 2014.

> aqui o que não está escrito em lugar nenhum: a pureza, a inocência, a doçura inefável, da imaginação cristã na trágica época das perseguições. Nenhum sinal de angústia nesses dias de fogo e de sangue, nada que fizesse lembrar a morte sempre ameaçadora, mas para onde se olha há inalterabilidade, serenidade, uma inquebrantável confiança nas promessas divinas. Ao lado da prece pelos mortos e das alegrias do paraíso, algumas cenas nos deixam antever a vida da Igreja[7].

As primeiras imagens cristãs que se tem conhecimento apareceram nas catacumbas, essa arte funerária se revestia de alegria, pois, se a morte é inexorável, para os cristãos havia a certeza da ressurreição.

> As pinturas das catacumbas desde os primeiros dois séculos tinham como tema não somente alegorias e símbolos tais como a âncora, o peixe,(fig. 4) o cordeiro etc., mas toda uma série de imagens que vieram do Antigo e do Novo Testamento. Essas pinturas correspondem aos textos sagrados, bíblicos, litúrgicos, patrísticos. O princípio fundamental dessa arte é de exprimir por pinturas a doutrina da Igreja, representando os acontecimentos concretos da História santa e indicando também o seu sentido.Essa arte não tem por fim refletir os problemas da vida, mas sim de respondê-los, e desde a sua aparição.[8]



Fig.4: Pão e peixe milagre da multiplicação.Catacumba de São Calisto – Roma.

Nas casas ou nas catacumbas, os cristãos adotaram símbolos pagãos e lhes deram um significado mais profundo: o barco, símbolo da prosperidade e de uma travessia feliz pela vida, tornou-se o símbolo da Igreja; a entrada do navio em um porto não significa mais a morte, mas a paz eterna; os símbolos eróticos (Eros e Psique) tornaram-se a sede da alma pelo amor de Deus. Esses símbolos são o reflexo do ensinamento das verdades da fé. Por eles, os fiéis são conduzidos para um conhecimento mais profundo do cristianismo[9].

A imagem-mãe do Bom Pastor, inspirada no mito de Orfeu, foi associada ao salmo 23 (22), "Iahweh é meu pastor, nada me falta"; à imagem salvífica do pastor que reconduz as ovelhas ao aprisco; ao pastor que socorre as ovelhas e ao pastor que protege as ovelhas contra o lobo devorador[10].

---

[7] Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône*: théologie de la beauté, p.25.

[8] Léonide OUSPENSKY ; Vladimir LOSSY,*Le sens des ícones*, p. 25.

[9] Cf. Alain BESANÇON, *L'image interdite*: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme, p. 206-207.

[10] Cf. A. TREVISAN, *O rosto de Cristo*: a formação do imaginário e da arte cristã, p. 30-31.



Fig.5: O Bom Pastor, levando um balde de leite pintura mural, início do século III, Catacumba de São Calisto, cripta de Lucina Roma.

Houve também símbolos que foram inspirados no Antigo Testamento e outros novos foram criados desde o século II que são símbolos tipicamente cristãos: a multiplicação dos pães, representando o Banquete Eucarístico; a adoração dos magos, símbolo da admissão dos pagãos à fé cristã; a ressurreição de Lázaro(fig. 6) e, sobretudo, os símbolos secretos, incompreensíveis aos pagãos, como a vinha, mistério da vida em Deus nos batizados, e o peixe, *ichthus*, acrônimo de Cristo – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador[11].



Fig.6: Ressurreição de Lázaro e o Bom Pastor. Catacumba do cemitério anônimo de Via Anapo. Segunda metade do século III.

Essa arte vale pelo vislumbre da beleza grega que ainda a ilumina mas, sobretudo, pelo entendimento tão novo que ela expressa. É importante não confundir essa arte da época das perseguições com aquela que irá acontecer após a paz da Igreja. Os artistas das catacumbas tinham o coração cristão, mas a imaginação pagã, escreve Êmile Mâle. Os defuntos que até aqui pareciam querer se perder na grande igualdade da morte, tiveram muitas vezes

[11] Cf. Alain BESANÇON, *L'image interdite*: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme, p. 206-207.

seus retratos em seus túmulos. As confrarias de marchands ou de artesões foram representadas exercendo seu trabalho ou seus negócios, transportando tonéis ou distribuindo trigo. Os fóssores que cavavam o lóculo (fig.7)e que viviam na noite próximos ao mausoléu mereciam também ser honrados.[12] Os lóculos eram cavados em geral nas superfícies laterais.



Fig.7: Galeria com os lóculos. Catacumba Santa Priscila, Roma.

Claudio Pastro esclarece o que são os fóssores em *A arte no cristianismo*:

> [...] artistas coveiros que trabalharam nas catacumbas, faziam parte de uma grande corporação helênica, juntamente com os *pictores*, *musivarii* e os *quadatarii*. Essa classe pertencia à classe dos *servis* ou libertos e foi onde mais o cristianismo penetrou. A princípio, por serem de origem pagã, retratavam o Cristo Hermes (Cristo Sol), o Cristo Mestre, figuras imberbes e jovens, pois os romanos não tinham recebido a influência da arte original do Oriente (Cristo barbudo, por exemplo). Os fóssores viveram intensamente nas catacumbas romanas do século I ao IV, quando já faziam parte dos "mistérios sagrados", logo abaixo dos diáconos e acima dos ostiarii, ou clérigos menores. Esse ministério permaneceu durante todo o primeiro Milênio da Igreja e existe até hoje na Igreja Oriental[13].

Além dos lóculos encontram-se nas catacumbas os cubículos – o mesmo que câmaras – eram pequenas salas com capacidade para vários lóculos, verdadeiros mausoléus de família que eram decorados com afrescos de cenas bíblicas. Ha também arcossólios (fig. 8), do latim *arcus* e *solium*, termo arquitetônico para uma tumba de forma abobadada, um nicho bastante grande que servia em geral como sepultura para uma família, bispos ou mártires, mas também como capela funerária. Foi sepultura típica dos séculos III e IV séculos.

---

[12] Cf. Emile MÂLE, L´art chrétien primitif; l´art byzantine, in:*Histoire Générale de l´art* 1, p. 258.

[13] Claudio PASTRO. *A arte no cristianismo*:fundamentos-linguagem-espaço. São Paulo: Paulus, 2010. p.145-146.



Fig.8:Arcossólio da cripta de Tellus na Via Dino Campagni, Roma.

As pinturas das catacumbas mostram uma unidade de estilo e de temas: foram encontrados os mesmos símbolos na Ásia Menor, na Espanha, na África do Norte e na Itália, sem que a Igreja tenha dado uma indicação de um programa oficial. A fé manteve-se única, graças ao contato entre as igrejas locais. De acordo com Ouspensky:

> A arte das catacumbas era, sobretudo, uma arte que visava o ensino da fé. Grande parte desses temas, tanto os simbólicos como os diretos, correspondem a textos sagrados do Antigo e Novo Testamento, textos litúrgicos e textos patrísticos. Paralelamente às representações diretas e muito numerosas, a linguagem simbólica se estendeu e desempenhou um papel fundamental na Igreja dos primeiros séculos. Essa linguagem simbólica a princípio é explicada pela necessidade de expressar pela arte uma realidade que não poderia ser expressa diretamente. Por outro lado, não revelar aos catecúmenos, até um certo momento, os sacramentos cristãos essenciais era uma regra estabelecida pelos Pais da Igreja e fundamentada sobre as Escrituras sagradas. Assim o sentido dos símbolos cristãos foi revelado aos catecúmenos progressivamente na preparação de seu batismo. Por outro lado, as relações entre os cristãos e o mundo exterior exigiam uma linguagem cifrada.[14]

Não havia interesse dos cristãos em divulgar ao mundo pagão e hostil os mistérios sagrados. Os primeiros cristãos empregaram antes os símbolos bíblicos: o cordeiro, a arca etc. Mas aos pagãos que entravam na Igreja, esses símbolos não bastavam, pois lhes eram incompreensíveis.Então a Igreja adotou certos símbolos pagãos para reaproximá-los da “verdade” e transmitir diversos aspectos do ensinamento cristão. Esses símbolos foram direcionados, purificados e reencontraram seu significado, antes adulterados por uma longa degeneração, e serviram para exprimir a salvação consumada na encarnação.[15]

No caso específico da arte funerária, é preciso situá-la no âmbito da legislação romana sobre os cemitérios que sempre se encontravam fora das

[14] Léonide OUSPENSKY, La théologie de l´icône dans l’Église Orthodoxe, p. 43.

[15] *Ibid.* p. 43.

aglomerações. O estatuto legal era bem liberal; todos, sem exceção, escravos ou aqueles que sofriam suplício, tinham o direito a uma sepultura. Os cristãos podiam enterrar seus mártires. Os cemitérios pertenciam às famílias ou às associações que os regiam como lhes fosse conveniente. Havia os de superfície e os subterrâneos e é evidente que a ornamentação das necrópoles subterrâneas, as catacumbas, são as mais bem conservadas. Dado à característica privada dos cemitérios, sua organização e sua decoração dependiam das iniciativas particulares: familiares ou de associações funerárias que recorriam a profissionais.

Os antigos cristãos não usavam o termo catacumba. Os romanos davam esse nome a uma localidade da Via Ápia, onde existiam cavas para a extração de blocos de tufo, o terreno de Roma facilitava muito a escavação, por estar formado por estratos irregulares de tufo e argila. Perto dali foram escavadas as catacumbas de São Sebastião. No século IX o termo foi estendido a todos os cemitérios com o significado de cemitério subterrâneo.

Até Constantino, no século IV, as pinturas cristãs apresentavam as mesmas características: alguns traços em uma gama restrita de cores e algumas luzes que exprimiam o essencial. É uma busca consciente do mundo espiritual que faz com que se afaste de todo naturalismo. No entanto, há um fato capital: as imagens das catacumbas não são imagens de culto, elas permanecem na esfera do símbolo. A Igreja não havia elaborado ainda a dimensão do mistério da Encarnação, o que aconteceu após os primeiros concílios. É o mistério da Encarnação – Deus que se fez Homem – que oferece o fundamento para a veneração dos ícones. Aos olhos dos ortodoxos, por exemplo, a veneração dos ícones está fundada sobre a certeza da Encarnação de Deus no homem Jesus de Nazaré. Na medida em que Deus se revela através do humano, é possível representá-Lo visivelmente.

Assim, a vitória de Constantino sobre Maxêncio na Ponte Milvia e, em 313, o Edito de Milão, foram para um povo perseguido durante três séculos o triunfo do cristianismo sobre o Império romano. O cristianismo triunfou e a arte saiu das catacumbas e pôde se expandir com magnitude nas igrejas. Foram construídos grandes edifícios em Roma sob a ordem imperial, dentre os quais se podem destacar: a igreja São João de Latrão – a mãe de todas as igrejas – e a basílica de São Pedro, construída sob o túmulo do apóstolo. Infelizmente essas obras não subsistiram ao tempo: a basílica de São João de Latrão foi restaurada inúmeras vezes e o projeto original ficou irreconhecível; a de São Pedro, Bramante e Michelangelo, fora o sepulcro de Pedro, não deixaram nada do monumento primitivo[16].

Posterior a Constantino, o imperador romano Teodósio I, o Grande (379-395), decretou o Edito de Tessalônica, também conhecido como *De Fide Catholica*, em 17 de fevereiro de 380, pelo qual estabeleceu o cristianismo como religião do Estado e exclusiva do Império romano, abolindo as práticas pagãs e fechando seus templos. Os cristãos saíram da situação de insegurança e marginalidade de onde estavam isolados e inquietos pelos episódios de perseguições que durou até a morte de Diocleciano em 305. Foi a eles cedida a liberdade para celebrarem seus cultos. Desta forma,

> A arte funerária transformou-se no culto aos mártires que vai dar impulso ao culto das relíquias no pontificado de Damasio (366-384). Das catacumbas e das casas-igrejas os cristãos passam para

[16] Cf. Émile MÂLE, L'art chrétian primitif ; l'art byzantine, in: ____(org.),*Histoire Générale de l'art*, p. 261.

> basílicas para onde chamam as grandes imagens para a abside ou pelo menos se oferecem a elas.[17]

Após a paz da Igreja, o prestígio dessas criptas, onde repousavam muitos mártires, foi imenso. Multidão de peregrinos ia prestar-lhes homenagem e deixava inscrito no estuque testemunhos de sua passagem e de seu fervor cristão.Com as guerras e as invasões, as catacumbas foram aos poucos sendo abandonadas e os restos mortais dos mártires, também foram retirados. Os campos romanos se tornaram um deserto e as catacumbas foram esquecidas.

IMPLICAÇÕES FINAIS

Com o auxílio desta arte, os primeiros cristãos se esforçaram para transmitir não apenas o que é visível aos olhos, mas o que é invisível, ou seja, o conteúdo espiritual do representado. A igreja primitiva se serviu igualmente de símbolos pagãos e também de alguns da mitologia greco-romana. A fim de melhor fazer conhecer seu ensinamento àqueles que se convertiam do paganismo, a Igreja utilizava certos mitos antigos que de alguma maneira serviam de paralelo ao cristianismo. Paul Evdokimov elucida a visão ortodoxa da origem pagã da arte cristã:

> Tudo converge para um único apelo: de que não há vida eterna fora do Cristo e de seus sacramentos. Tudo se reduz a um único sinal e tudo é alegria, pois a ressurreição dos mortos se inscreve nos sarcófagos (comedores de carne). A ausência de toda arte marca aqui o momento decisivo do próprio destino dessa arte: seu ponto alto, ainda próximo, a alta criação da Antiguidade é inútil para o momento; passa por sua própria morte e emerge das águas do batismo, que significam e consignam os grafites das catacumbas, para sair das fontes batismais à aurora do século IV sob a forma – jamais vista anteriormente – do *ícone*. É a arte ressuscitada em Cristo: nem signo, nem quadro, mas ícone: símbolo da presença e seu lugar fulgurante, visão litúrgica do mistério feito imagem.[18]

<u>Algumas imagens referentes ao Antigo Testamento encontradas nas catacumbas:</u>



Fig.9: Oferendas de Caim e Abel

[17]François BOESPFLUG,*Dieu et ses images*: une histoire de l´Eternel dans l´art, p. 77.
[18] Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône*: théologie de la beauté, p. 150.



Fig.10: O sacrifício de Isaac. Catacumba da Via Latina, cubiculum C.



Fig.11: O sonho de Jacó. Catacumba da Via Latina.



Fig.12: Abraão sob o carvalho de Mambré, recebe a visita dos anjos. Catacumba da Via Latina. Roma.



Fig.13: A chegada de Jacó e seus filhos ao Egito. Catacumba da Via Latina, Roma.



. Fig.14: A travessia do Mar Vermelho.
Catacumba da Via Latina, Roma.

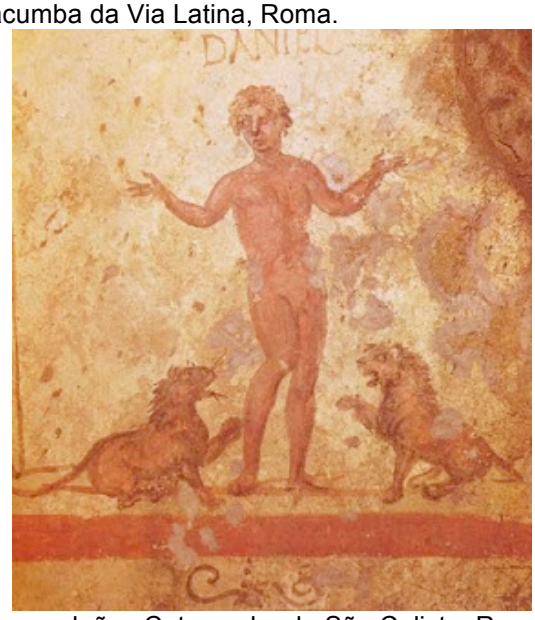

Fig.15: Daniel no poço com os leões.Catacumba de São Calisto, Roma.

Algumas imagens referentes o Novo Testamento encontradas nas catacumbas:



Fig. 16: A Virgem Maria amamentando o Menino Jesus. Catacumba de Priscila, catacumba de Priscila, Roma, século II.



Fig. 17: Batismo do Senhor. Catacumba de São Marcelino e São Pedro.



Fig.18: Cristo filósofo entre os discípulos. Pintura mural (330-340). Ornamenta um arcossolium próximo da cripta de Ampliatus, Catacumba de Domitila, Roma.



Fig.19: Jesus Mestre entre os apóstolos. Cemitério Anônimo da Via Anapo.



Fig.20: Cubículo da Catacumba Domitila, Orfeu e os animais.



Fig.21: Cristo Orfeu e os animais. Detalhe da pintura mural do cubículo do Bom Pastor. Nessa parte das catacumbas encontram-se vários afrescos representando o Cristo Bom Pastor, catacumba de Domitila, século III.



Fig.22: Cubículo da Catacumba de Santa Comodila, Roma.



Fig.23: Detalhe da pintura mural de um cubículo de Santa Comodila. Primeira imagem de Cristo barbado. Século IV.

Emile Mâle relata de forma poética o impacto da arte das catacumbas nos estudiosos da arte e da religião. Começa-se a entender como a arte permeou a nova religião que iria rapidamente se estender pelo Império Romano.

> Foi em 1578 que foi descoberta ao acaso a Catacumba da Via Salaria. Bosio, um erudito a descobri-las de novo e descrevê-las. Nos séculos XVII e XVIII ele teve sucessores. Mas só no século XIX, com o ilustre, Giovanni de Rossi, que o estudo das antiguidades cristãs elevou-se à dignidade de uma verdadeira ciência. Desde então as pesquisas e as descobertas não cessaram e se conhece até hoje mais de quarenta catacumbas que formam nos campos e nos arredores de Roma uma cidade escondida, como dizia Bosio, "uma Roma subterrânea". [...] deve-se preparar para uma emoção quando se desce nas profundezas desses imensos cemitérios que se acredita sejam contemporâneos dos primeiros cristãos. As galerias são estreitas e altas e as sepulturas escavadas nas paredes e sobrepostas. Podem-se decifrar algumas inscrições nas placas de mármore ou de cerâmica que fecham as sepulturas. Nas mais antigas, das quais muitas em grego, são as mais simples e não se lê senão o nome do defunto ou uma breve nota de esperança; nenhuma data, nenhuma lembrança dessa vida passageira que o fiel deixou para entrar na verdadeira vida. De tempo em tempo aparecem signos misteriosas ornam o epitáfio: um peixe, uma pomba, um pavão, uma âncora. Para essas antigas gerações, o peixe era um símbolo do Cristo; no nome peixe em grego *ichthus*, os fiéis reconheciam as cinco primeiras letras da consagrada frase Jesus Cristo, filho de Deus Salvador. Foi um signo levado a Roma pelos Gregos do Oriente. A pomba tendo o ramo de oliveira no seu bico lembrava o pássaro que anunciou a Noé sua libertação. O pavão, cuja carne passava por incorruptível, era o hieróglifo da imortalidade. Quanto à âncora, ela significava a invencível esperança do cristão, por vezes, um golfinho, animal que assegurava-se, amava os homens e para salvá-los de um naufrágio enrolava-se à âncora, tornou-se por isso uma antecipação da Cruz onde o Salvador foi pregado.[...] Esses afrescos das catacumbas, executados em rápidas pinceladas, à meia luz e já apagados pelo tempo, são para nós sem preço, pois são testemunhas dos primeiros sentimentos da alma cristã. Pode-se dizer

> que esses pagãos de outrora, nutridos das belas lendas da Grécia quiseram, ao conhecer Cristo, guardar o que havia de mais puro no helenismo. [19]

A arte das catacumbas introduziu os estudiosos em um mundo novo, mas fiel às antigas tradições. Essa arte não foi uma revolução e seria preciso esperar o triunfo da Igreja para ver o pensamento cristão começar a criar as formas que iriam exprimi-lo. Após Constantino, continuou-se a utilizar as catacumbas como um lugar comum para as sepulturas e o hábito de decorar com pinturas as paredes dos túmulos dos cidadãos mais ricos permaneceu além do início do século V. A continuidade se afirma igualmente na conservação do ciclo de imagens do Antigo e do Novo Testamentos, não houve mudança nos motivos da iconografia da arte funerária, a não ser na ordem do estilo. O triunfo da Igreja não trouxe mudança para essa arte[20].

As pesquisas continuam. Em julho de 2009, o Papa Bento XVI criou o cargo de superintendente arqueológico das catacumbas, posto ocupado por Fabrizio Bisconti, que era secretário da Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra. Em junho de 2010, arqueólogos e restauradores descobriram o que acreditam ser as pinturas mais antigas dos rostos dos apóstolos Pedro, Paulo, André e João. As imagens foram encontradas num ramal das catacumbas de Santa Tecla, próxima à Basílica de São Paulo Fora dos Muros. Pintadas no fim do século IV ou início do século V, essas imagens trazem a novidade das cores extraordinárias em detrimento às cores pálidas que caracterizam a arte mural funerária[21].

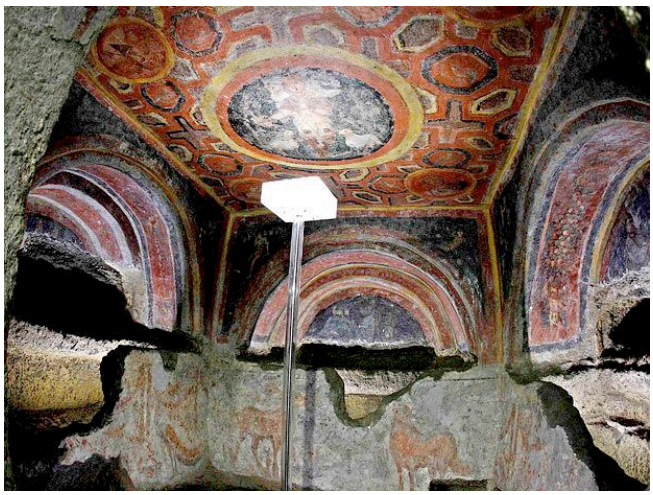

Fig.24 Catacumba Santa Tecla, Roma.

[19] Emile MÂLE, L´art chrétien primitif; l´art byzantine, in:*Histoire Genérale de l´art* 1, p. 255-256.

[20] Cf. André GRABAR, *Le premier art chrétien*, p. 119-120.

[21] <http://noticiasdearqueologia.blogs.sapo.pt/tag/vaticano>, acessado em 19/08/2014.



Fig.25 Detalhe. Catacumba Santa Tecla, Roma

Segundo Barbara Mizzei, responsável pelo restauro: “Quanto mais avançamos, mais surpresas encontramos.”

Dados sobre as catacumbas citadas no texto:

Catacumbas de São Calisto: Localizadas na Via Apia, 102, constituem segundo fontes, o mais antigo cemitério oficial da comunidade cristã de Roma. Seu nome foi dado em homenagem ao diácono Calisto que foi encarregado da administração do cemitério pelo papa Zeferino 199-217 e Calisto tornou-se o próximo papa 217-222.

Catacumbas Priscila estão situadas na Via Salaria, 430. Elas se desenvolveram em dois pavimentos e sem dúvida seu nome Priscila provavelmente é devido à esposa do consul Acilius, que foi executado por ordens de Domiciano por ter se convertido ao cristianismo.
Sua origem é diferente das outras catacumbas, pois esse lugar era uma antiga pedreira abandonada e começou a ser utilizada para sepultamentos dos cristãos a partir do final do século II. Na cena da vida de uma defunta, (Fig3) dita *Donna velata,* com os braços para o alto em sinal de oração. Aos seus pés há a assinatura de Antônio Bosio (1575-1629), a quem se deve a descoberta e a primeira divulgação científicas das catacumbas romanas.

As catacumbas da Via Latina foram descobertas em 1955, por acaso, durante a construção de dois edifícios na via Dino Campagni. As escavações foram conduzidas por Antonio Ferrea.

Um dos cemitérios que se encontram na Via Salária é o cemitério Anônimo da Via Anapo. Rossi achava que pertencia aos Giordani, o mais ilustre depois de

Priscilla. Recentes descobertas mostram que se trata de um cemitério privado. O acesso de origem foi descoberto por acaso em 1921 por Enrico Josi On. Lá se encontram cinco cubículos decorados com afrescos representando episódios do Antigo e do Novo Testamentos.

As catacumbas de Santa Comodila foram redescobertas em 1903 pela Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra, pois foram vistas pela primeira vez em 1720.Estão situadas na via da *Secte Chiesa*, 42. Devem seu nome à proprietária do local, a matrona Comodila.

As catacumbas de Domitila são um dos mais vastos cemitérios subterrâneos de Roma e foram constituídos originalmente para serem as necrópoles nos terrenos que Flavia Domitila — que pertencia à família imperial e era sobrinha de Flavius Clemente, consul no ano 95,— deu aos seus escravos libertos.

As catacumbas dos santos, Marcelino e Pedro, mártires da perseguição de Diocleciano, estão situadas na Via Casilina, 641. Era uma vasta propriedade do imperador que se estendia entre a Porta *Maggiore*, a via Labicana, a via Prenestina e Centocelle. Foi o lugar onde se ergueu o mausoléu de Santa Helena, mãe do imperador Constantino I, cujas ruinas subsistem ainda. Foi Antonio Bosio em 1594 que fez a primeira descrição metódica. As escavações fora realizadas entre 1896 e 1898 por Henry J. Stevenson; em 1940 e 1954-58 por Friedrich W. Deichmann e, em 1975 pela Escola Francesa de Roma, o que permitiu de se ter hoje uma ideia bastante precisa de seu aspecto primitivo.

MANCINELLI, Fabrizio. *Guide des catacombes de Rome*. Florence: Scala Group, 2012.